

Encontro Mundial de Mulheres Portuguesas na Diáspora



24 / 26 Novembro 2011
Forum da Maia



O Encontro Mundial de Mulheres Portuguesas na Diáspora
foi realizado no Forum da Maia,
de 24 a 26 de Novembro de 2011,
com o Alto Patrocínio do
Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas

Título	Encontro Mundial de Mulheres Portuguesas na Dáspora
Organização	Maria Manuela Aguiar Maria da Graça Sousa Guedes
Imagem de capa	Ana Maria Pintora
Edição	Mulher Migrante - Associação de Estudo, Cooperação e Solidariedade
Depósito legal	343146/12
Impressão e acabamento	Tipografia Meneses - Cooperativa Gráfica de Espinho
	Publicação Cultural de distribuição gratuita

3	PREFÁCIO - José de Almeida Cesário
5	MENSAGEM - Aurora Cunha
6	SESSÃO DE ABERTURA
	Maria Manuela Aguiar António Gonçalves Bragança Fernandes
8	Dia internacional para a eliminação da violência contra a mulher - Maria Amélia Paiva
9	FEMINISTAS DA DIÁSPORA
10	Maria Lamas - Maria de Jesus Barroso Soares
11	Evocação de Maria Lamas - uma mulher, uma escritora, uma lutadora, uma memória Maria Benedicta Vassalo Pereira Bastos Monteiro
13	Homenagem à Tia Archer - Olga Archer Moreira
15	Maria Archer, escritora em Portugal e no Brasil - Dina Botelho
16	Maria Archer - o encontro com uma escritora viajante - Elisabeth Battista
17	Maria Lamas e maria Archer: síntese de discursos diversos na unidade de acção - Salvato Trigo
21	HISTÓRIA DAS MIGRAÇÕES
22	A NOVA EMIGRAÇÃO FEMININA, RELAÇÃO TRANSNACIONAL E MUDANÇA Trabalho e empreendedorismo social da mulher portuguesa na diáspora - Maria da Conceição Pereira Ramos
26	A mulher migrante açoriana na Califórnia: diversidade numa cultura comum - Rosa Neves Simas
30	Comunicação de Paulo Pisco
32	A nova emigração feminina - Leonor Fonseca
33	Afirmção da mulher luso-venezuelana - Lourdes de Almeida
38	HISTÓRIA DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO: QUESTÕES DE GÉNERO E DE GERAÇÃO
	Rita Gomes
41	Papel da mulher na integração social nas Academias do Bacalhau no mundo - César Gomes de Pina
43	História da Associação Mulher Migrante Portuguesa da Argentina - Natália Renda Correia
45	O caso da França: a afirmação de uma autonomia - Custódia Domingues
47	Associativismo - Teresa Heimans
48	O modelo das Universidades Seniores - Glória Rocha
49	MEMÓRIA - ENTRE O PASSADO E O FUTURO
50	A voz das avós: vozes de agora, vozes de outrora - Aida Baptista
53	A emigração no singular: a inaudita história de Laura - Maria Lúcia da Silva Bandeira
54	Os fados de todas nós - Eulália Moreno
57	Emigrar - Maria Ferreira
57	A mulher migrante nos EUA - Edmundo Macedo
58	O meu corpo é a minha pintura - Ana Maria Pintora
59	Cruzamos terra e mar: histórias orais, testemunhos e memórias da emigração portuguesa na Califórnia - Deolinda M. Adão
59	As mulheres no cinema de migrações - José da Silva Ribeiro
59	Entre o regresso imaginado e o regresso concretizado: histórias no feminino - João Sardinha
59	Colcha de Retalhos - Renata Afonso

61	NOVOS DOMÍNIOS DE AFIRMAÇÃO DA MULHER DA DIÁSPORA
62	CIDADANIA E CULTURA Agustina revisitada... num relance - Laura Bulger
65	Afirmação da mulher na diáspora - Leonor Xavier
67	Artesã - Sandra Duarte
67	Migrações no feminino - Isabel Ponce de Leão
71	Towards the revival, recognition, development and acceptance of the Malaysian-Eurasian people through the Kristang language, culture and their Euro-Asian ethnicity - Joan Marbeck
72	As mulheres portuguesas no mundo: a dança no diálogo intercultural - Maria da Graça Sousa Guedes
75	TRABALHO E EMPREENDEDORISMO NO CONTEXTO DA INTEGRAÇÃO E DE REGRESSO Maria Ortelinda Gonçalves
81	O papel da mulher emigrante açoriana - nos países de acolhimento - Graça Castanho
83	Contributos para uma reflexão: empreendedorismo na imigração - Luísa Desmet
85	Género e desigualdades no trabalho: situação em Portugal e na União Europeia - João Miguel Aguiar e Paula Costa Pereira
89	Mulher migrante - lugares de trabalho ontem e hoje - Maria do Céu Campo
90	Empreendedorismo feminino - Custódio Portássio
92	Observatório dos Luso-Descendentes - Emmanuelle Afonso
94	Porto-São Paulo - uma decisão de vida - Tânia Reis
96	Comunicação de Jacqueline Corado da Silva
97	O CONGRESSISMO E AS POLÍTICAS DE GÉNERO NA EMIGRAÇÃO - LIDERANÇA E PARTICIPAÇÃO
98	Dar voz às mulheres após séculos de silenciamento - Joana Miranda
99	O novo rosto da emigração feminina - Isabelle Oliveira
100	Revisitar o passado, perspectivar o futuro - Arcelina Santiago
101	Mulheres e liderança - Manuela Bairos
103	Liderança e participação - José Governo
104	Comunicação de Ana Ferreira
105	Congressismo - Nuno Araújo
106	O congressismo como espaço de luta pela igualdade de género - Maria Manuela Aguiar
111	O TEMPO E OS MODOS DE VIVER A CIDADANIA
112	Introdução - Maria da Graça Sousa Guedes
112	O papel das mulheres nas comunidades - Carlos Gonçalves
113	Comunicação de Carlos Páscoa
113	Comunicação de António Regedor
115	Conclusões - Maria Amélia Paiva
116	SESSÃO DE ENCERRAMENTO Paulo Ramalho Rita Gomes
118	EXPOSIÇÕES FEMININO PLURAL Nassalete Miranda Ana Maria Pintora

- Ramos, M. C. Pereira (2004) « Nouvelles dynamiques migratoires au Portugal et processus d'intégration », Revue Française des Affaires Sociales « Circulations migratoires – Nouvelles dynamiques des migrations », nº 2, avril-juin, Paris, p. 111-144.
- Ramos, M. C. Pereira (2005) « Le Portugal, de l'émigration à l'immigration », Revue Santé, Société et Solidarité « Immigration et Intégration », nº 1, Québec, pp. 203-215.
- Ramos, M. C. Pereira (2007a) « Travail et Circulations Migratoires – Le Portugal pays relais des migrations en Europe ». In Mouhoud, E. M.; Oudinet, J. (dir.) L'Europe et ses Migrants – Ouverture ou Repli ?, Paris, L'Harmattan, pp. 215-270.
- Ramos, M. C. (2007b) « Diásporas, culturas e coesão social ». In R. Bizarro (coord.) Eu e o outro. Estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais, Porto, Areal Editores, pp. 78-95.
- Ramos, M. C. Pereira (2008a) "Impactos demográficos e sociais das migrações internacionais em Portugal". In N. Ramos (Org.) Saúde, Migração e Interculturalidade. Perspectivas teóricas e práticas, João Pessoa, EDUFPA, pp. 11-44.
- Ramos, M. C. Pereira (2008b) "Gestão da diversidade e da educação nas sociedades multiculturais e do conhecimento". In N. Ramos (coord.) Educação, Interculturalidade e Cidadania, Bucareste, ed. Milena Press, 2008, pp. 6-29.
- Ramos, M. C. Pereira (2009a) "Mulheres Portuguesas na Diáspora - Inserção Laboral e Papel nas Redes Sociais". In The Voice and Choice of Portuguese Women in the Diaspora – A vez e a voz da mulher portuguesa na diáspora: Macau e outros lugares. Universidade de Macau, pp. 301-326.
- Ramos, M. C. Pereira (2009b) "Mulheres portuguesas na diáspora – mobilidades, trabalho e cidadania". In Aguiar M. (Coord.) Cidadãs da diáspora – Encontro em Espinho, ed. Mulher Migrante, Associação de Estudo, Cooperação e Solidariedade, pp. 44-61.
- Ramos, M. C. Pereira (2010) "Migrações e Género – Trabalho, Empreendedorismo e Discriminações". In Seminário Internacional Fazendo Género 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23-26/08/2010, Anais electrónicos (<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/>) e 1278297633_ARQUIVO_ComunicacaoFlorianopolisMCP(1).pdf
- Ramos, M. C. Pereira (2011a) "Migrações internacionais e género – dinâmicas de participação das mulheres portuguesas imigrantes". In R. Boschilia e M. L. Andreatza (Orgs.) Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades, Curitiba, Ed. UFPR, 2011, pp. 137-160.
- Ramos, M. C. (2011b) "Economia solidária, plural e ética, na promoção do emprego, da cidadania e da coesão social", Revista Laboreal, 7, (1), 81-104, <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV658223533894:245552>
- Ramos, M.; Teixeira, A.; Pereira, M.; Gonçalves, M. (2007) "Multiple Citizenship - Case-Studies Among Individual Citizens in Portugal". In P. Pitkanen; D. Kalekin-Fishman (eds.) Multiple State Membership and Citizenship in the Era of Transnational Migration, Rotterdam, Sense Publishers, pp. 41-65.
- Ramos, M. C. Pereira; Taran, P.; Ivakhnyuk, I.; Tanner, A. (2009). Economic Migration, social cohesion and development: an integrated approach. Migrations économiques, cohesion sociale et développement: vers une approche intégrée. Strasbourg, Conseil de l'Europe, 214 p.
- Ramos, Natália (1993) Maternage en milieu autochtone et immigré. Tese de Doutoramento em Psicologia, I e II Vol., Universidade Rene Descartes, Paris V, Sorbonne.
- Ramos, Natália (2009) "Mulheres portuguesas na diáspora – Maternidade, aculturação e saúde". In The Voice and Choice of Portuguese Women in the Diaspora – A vez e a voz da mulher portuguesa na diáspora: Macau e outros lugares, edição da Universidade de Macau, Macau, pp. 155-182.
- Ramos, Natália (2010) Género e Migração – Questionando dinâmicas, vulnerabilidades e políticas de integração e saúde da mulher migrante. In Seminário Internacional Fazendo Género 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23-26/08/2010, Anais electrónicos (<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/>) 1278173824_ARQUIVO_Natalia1RamosFG9.pdf
- Ramos, Natália (2011) "Género e migração: dinâmicas e políticas sociais, familiares e de saúde". In R. Boschilia e M. L. Andreatza (Orgs.) Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades, Curitiba, Ed. UFPR, pp. 263-282.
- Revue Européenne des Migrations Internationales (2005) Femmes, genre, migrations et mobilités, vol 21, nº 1, REMI, Poitiers.



A mulher migrante açoriana na Califórnia: diversidade numa cultura comum

Rosa Neves Simas (Universidade dos Açores - Departamento de Línguas e Literaturas Modernas)

Entre 2003 e 2008, tive o prazer de publicar *A Mulher nos Açores e nas Comunidades*, uma coletânea de 6 volumes contendo 100 artigos escritos por mulheres e homens de variadas idades, profissões e situações de vida, dando assim voz às diferentes experiências e perspectivas sobre a situação da mulher no arquipélago e nas comunidades dos Estados Unidos e do Canadá. Os artigos estão organizados de acordo com os seguintes tópicos: a mulher na sociedade, na educação, nos média, nas artes e tradições, nos assuntos legais e na saúde, com destaque para a mulher no mundo do trabalho.

Numa panorâmica da mulher açoriana na Califórnia, o que transparece é um retrato de diversidade no seio de uma cultura comum. O que surge é uma panóplia de formas diferentes de viver a experiência comum da açorianidade em terras da costa oeste dos Estados Unidos. A diversidade dos artigos sobre a mulher migrante na Califórnia pode ser apresentada em relação a variadas temáticas.

A Migração e a Língua

A emigração das ilhas para a Califórnia é centenária. Por isso, começo por voltar atrás no tempo, evocando uma mulher que emigrou nos anos 50 do século passado, altura em que ser imigrante nos Estados Unidos era considerado um entrave e uma origem étnica não-"americana" era vista como um handicap. Neste contexto, o sentimento de saudade era enorme e a ligação à família vital.

Sexta, 28 Maio 1954 Faz hoje um ano que chegámos à América, a casa da Maria. Recebi carta do José. Fala-me em vir cá para o ano... Principiei a sentir o bebé mexer.

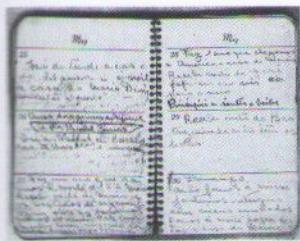
Assim começa o artigo "Cadernos de uma mulher migrante: a língua e a procura do sentido da vida" (III: 555-574), um texto em que a autora, Helena, analisa o impacto da emigração na vida da sua mãe, uma mulher que encontrou consolo na escrita, para expressar os dilemas e as saudades e para combater o isolamento que sentia no ambiente estranho da América dos anos 50, época ultra-conservadora e avessa à migração. Escreve a filha desta mulher que emigrou em 1953 da ilha do Pico:

Contra tudo e todos, a minha mãe escrevia e guardava cadernos de diários. Caladamente persistente, escrevia quase todos os dias. Isto poderá não parecer notável, mas a verdade é que ela tinha apenas completado a antiga quarta classe nos Açores. Para além disso, ela era



Imagem da autora dos cadernos quando emigrou para a Califórnia

Emigração para a Califórnia nos anos 50 do século XX
~~~~~  
"Cadernos de uma mulher migrante: A língua e a procura do sentido da vida"  
**Volume III**



Folhas dos cadernos de uma mulher migrante na Califórnia

uma mulher migrante a viver isolada, em termos culturais e linguísticos, numa das vacarias típicas do Vale de San Joaquin na Califórnia. (555)

Como todas as pessoas que migram, esta mulher enfrentou a barreira de uma língua estrangeira, refugiando-se na escrita em português, como explica a filha, Helena, hoje mestre em linguística aplicada:

A língua, em qualquer das suas formas, evoca muita emoção numa pessoa imigrante. É muitas vezes uma lembrança dolorosa e constante da identidade que ficou atrás, e da separação que sentem do mundo lá fora, a falar através de um código desconhecido. A minha mãe refugiava-se na língua, com os seus pensamentos anotados no papel, para desvendar os hiatos da sua experiência entre dois mundos. (556)

Com o tempo, a filha vem a considerar esta experiência bilingue e bicultural como uma mais-valia, para si e para as irmãs. Hoje professora, a coordenar o ensino da língua inglesa em doze países do Médio Oriente, Helena observa: "A maior sensibilidade meta-linguística das crianças bilingues permite uma percepção precoce da vertente abstracta e simbólica das palavras" (561). Falando da mãe, diz:

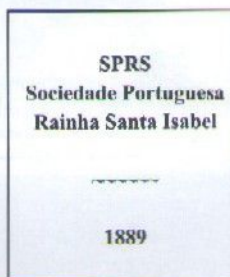
Ao longo dos anos, a minha mãe foi aprendendo a comunicar à vontade na língua inglesa e, com o meu pai ao lado, tornou-se numa pessoa activa e respeitada na comunidade da Califórnia. As entradas nos diários foram mostrando mais auto-confiança e mais abertura ao exterior, ao mesmo tempo que documentavam o seu envolvimento social, mais do que o seu isolamento pessoal. (562-3)

**Património e Tradições**

Para combater a solidão da migração, e para participar em eventos sociais e cultivar as tradições das ilhas, a maioria das pessoas que emigra procura as associações e sociedades da comunidade. No artigo "A mulher portuguesa nas sociedades fraternais da Califórnia" (I: 149-172), Deolinda Adão, directora do Portuguese Studies Program da University of California, Berkeley, faz um esboço da história de cinco sociedades comunitárias da Califórnia, duas das quais SPRSI (Sociedade Portuguesa Rainha Santa Isabel) e UPPEC (União Portuguesa Protectora da Califórnia) foram pioneiras porque, numa altura em que o associativismo era masculino, e continuou a sê-lo marcadamente até aos anos 70 do século passado, estas duas sociedades foram criadas por e para mulheres, há mais de um século.

Das muitas e variadas associações e sociedades que organizam eventos comunitários e mantêm as tradições açorianas na Califórnia, as que são conhecidas como Irmandade do Espírito Santo (IDES), ou Sociedade do Espírito Santo (SES) são notáveis. Existe uma, e por vezes várias, em cada comunidade, formando uma rede que atravessa o estado, de norte a sul. A primeira foi criada em 1861. Ao longo de 150 anos, chegou a haver 144 irmandades. Hoje, 99 mantêm-se em actividade, organizando celebrações em honra do Espírito Santo em todo o estado.

No artigo "As rainhas das festas na Califórnia: a inversão e reversão do ritual" (II: 281-316), a antropóloga Mari Lyn Salvador descreve os rituais que caracterizam esta tradição secular, dizendo: "As rainhas participam em festividades que derivam do ciclo ritual português associado a Santa Isabel, Rainha de Portugal de 1261 a 1336" (282). Numa perspectiva histórica e antropológica, Mari Lyn descreve "uma das formas encontradas pelos imigrantes para combinar elementos expressivos do país de acolhimento, com os elementos da sua terra natal que consideram importantes para a manutenção da sua identidade cultural" (283).



Sigla da Sociedade Portuguesa Rainha Santa Isabel

De uma forma sintética, Mari Lyn explica como "uma rainha do século XIII que oferecia as suas jóias para dar de comer aos pobres e coroava um homem pobre com a sua própria coroa" foi transformada nas rainhas de hoje, ricamente trajadas com vestidos, capas e tiaras de luxo. Tal metamorfose é exemplo claro do processo de recriação e adaptação das tradições do Velho Mundo, transplantadas no Novo Mundo. Simultaneamente, é um exemplo notável da intervenção activa da mulher na transmissão do património cultural, entre gerações.

**A Expressão Artística**

Como migrantes, as/os aзор-descendentes vivem a sua herança cultural de formas variadíssimas, com características pessoais e idiossincráticas. A diversidade de técnicas e temáticas nas obras de duas artistas plásticas



Desde 1861, houve 144 irmandades do Espírito Santo na Califórnia. Presentemente, 99 destas irmandades continuam em actividade

Imagem da rainha e aias de uma festa do Espírito Santo na Califórnia

da Califórnia retrata bem esta realidade. A mais jovem artista, Marlene Angeja, que vive na área de San Francisco, diz em "Duas paisagens: a visão de uma artista luso-americana" (II: 421-438):

Aquilo que une as várias formas que as minhas obras assumem é uma força subjacente, que é muitas vezes inconsciente e instintiva. Essa força motora parece estar relacionada com duas coisas. Uma é a paisagem das Ilhas dos Açores. A outra é o meu interesse nas histórias, lendas e mitologias do povo português. (422)

A obra "Duas Paisagens" conjuga a tradição da vindima nas ilhas com a vivência do meio rural da Califórnia onde Marlene cresceu. Outro exemplo do seu trabalho é a própria capa da antologia A Mulher nos Açores e nas Comunidades, que retrata a mãe desta artista, hoje mestre em Belas Artes e professora na California State University, San José. Referindo-se a outra obra, Marlene desvenda aspectos da sua experiência como descendente de emigrantes oriundos dos Açores:

Ao Aeroporto é um desenho mixed media de uma menina com o dedo na boca... Ao longo do lado esquerdo da tela lemos as palavras "eu



Imagem de uma mãe e a filha, rainha da festa de Espírito Santo

fui ao aeroporto, tu foste ao aeroporto, você foi ao aeroporto..." Esta conjugação do verbo "ir" em português evoca a aquisição de uma língua estrangeira. Alude, também, ao medo e ao encanto que senti na primeira viagem às ilhas e ao sentido de perda que senti quando partimos. Um aeroporto é um lugar de chegadas e partidas. Como os portos de onde os antigos marinheiros partiram para as Descobertas, é um lugar marcado pela saudade. (423)

A segunda artista é Maxine Olson, que vive no sul do Vale de San Joaquin e tem um largo currículo artístico. Em vez de abstracta, como a da Marlene, a obra de Maxine é claramente figurativa, justapondo imagens de pessoas que marcaram a sua vida numa tentativa de recriar na tela as narrativas de uma açon-descendente. O artigo de Maxine tem por título "Um retrato da minha mãe: o que ficou por dizer" (Volume II: 409-420) e conta a história da sua viagem aos Açores, em busca de respostas sobre as suas antepassadas. Maxine acaba o texto dizendo:

As tentativas que tenho feito para descobrir os segredos da vida de minha mãe, e da mãe dela, têm-me levado a perceber melhor as forças que controlam a minha vida. Se vamos aprender com o passado, e ser perdoadas pelas nossas decisões e omissões no presente, não podemos esquecer as estórias e as ofensas, as penas e as dificuldades pelas quais as nossas progenitoras passaram na sua demanda pelo amor e pelo afecto. (414)



Imagem da dinâmica social na sede da organização POSSO

#### A Saúde e o Envelhecimento

A construção da identidade migrante depende muito das relações em família e da postura perante o passado e a vida presente dos familiares. Nesta demanda, o desafio é ainda maior quando o envelhecimento das pessoas que nos são queridas bate à porta. Efectivamente, neste contexto, como em tantos outros, as mulheres têm maior tendência para assumir o papel de cuidadoras, dentro da família e da própria comunidade. Esta dinâmica social é a génese do artigo "POSSO: um centro comunitário da Califórnia" (IV: 975-982), da autoria de Vicky Machado. Como co-fundadora da POSSO e elemento activo da comunidade, Vicky descreve a origem deste centro comunitário, há mais de três décadas:

A Portuguese Organization for Social Services and Opportunities (POSSO) é uma ONG e foi criada pela comunidade portuguesa de San José para auxiliar imigrantes na sua integração social e adaptação ao país de acolhimento. Foi fundada em 1976 para assegurar à comunidade portuguesa pleno acesso aos serviços sociais e benefícios governamentais... Éramos formados e estávamos inspirados pela onda de orgulho étnico que prevalecia na América de então, e pela calorosa lealdade que sentíamos pelos nossos pais e avós imigrantes... Para o nome, escolhemos o acrónimo POSSO, precisamente para combater o fatalismo da nossa comunidade idosa, que se sentia fragilizada para conseguir a integração social de que precisavam para lhes garantir a sua quota-parte do sonho americano. (975)

Ao descrever os muitos programas e serviços da POSSO, Vicky sublinha a importância desta organização para a comunidade idosa, "um grupo isolado porque as/os familiares tinham e têm o seu tempo muito ocupado, trabalhando fora de casa para conseguir a sobrevivência económica da família" (976). Ao terminar, Vicky destaca a intervenção feminina neste projecto comunitário:

Desde o princípio, as mulheres têm sido fundamentais para a POSSO, como fundadoras, chefes, staff e voluntárias. Numa perspectiva tradicional, a POSSO desempenha, hoje, as "tarefas da mulher" porque presta cuidados e apoio às pessoas idosas e outros familiares vulneráveis, enquanto as mulheres, que cumpririam tais tarefas, trabalham fora de casa, contribuindo assim para o sustento da família e para a sua realização profissional. Vista nesta perspectiva, a POSSO deve o seu sucesso e longevidade à feliz conjugação de valores tradicionais e actuais. (978)

#### Educação e Empresariado

Tradicionalmente, a mulher açoriana, dentro e fora das ilhas, foi sujeita a muitas limitações e condicionalismos sociais e culturais. No contexto actual, muito mudou. Na educação, por exemplo, verifica-se uma acentuada presença da mulher no ensino superior. Elmano Costa descreve esta situação no artigo "A feminização do ensino superior numa comunidade rural da Califórnia" (III: 575-620). Este educador faz um esboço da comunidade rural, situada no norte do Vale de San Joaquin, ao mesmo tempo que descreve a evolução dos valores e olhares da mesma, no que concerne à educação, ao trabalho e à situação da mulher. Ao apresentar os resultados do seu estudo, este educador e professor na University of California, Stanislaus, faz a seguinte síntese:

As mulheres luso-californianas gozam de oportunidades que as suas mães nunca tiveram. Podem seguir uma carreira; casar quando querem e não porque precisam de alguém que as sustente; escolher ficar solteiras; ou optar por serem domésticas. E podem regressar à vacaria, para assumir a gerência do negócio, mas como gerentes diplomadas. (583)

Elmano termina o seu texto com este desejo: "E oxalá que elas possam dar aos seus filhos homens a mesma motivação que as levou a frequentar e a completar, com êxito, os seus cursos superiores, para que eles, no futuro, possam também usufruir dos benefícios de um diploma universitário" (584).

A mulher açor-californiana tem-se aventurado, ela própria, em outros domínios, incluindo o mundo empresarial. O mesmo autor debruça-se sobre este tema no artigo "Empresariado no feminino: novos horizontes para a mulher luso-americana" (VI: 1429-1456). Ao analisar a crescente participação da mulher como empresária no mundo dos negócios, Elmano observa: "Estas mulheres são, sem dúvida, pioneiras, pois conseguiram não só superar a discriminação de género, como também ultrapassaram as dificuldades que imigrantes, da primeira e da segunda gerações, tiveram de enfrentar para se integrarem na nova cultura do país de acolhimento e no mundo competitivo do trabalho e do empresariado" (1429).

Efectivamente, visto que a relação de qualquer imigrante com a sua comunidade é multifacetada e, por vezes, muito complicada, estas



A mulher migrante na indústria de laticínios da Califórnia \*

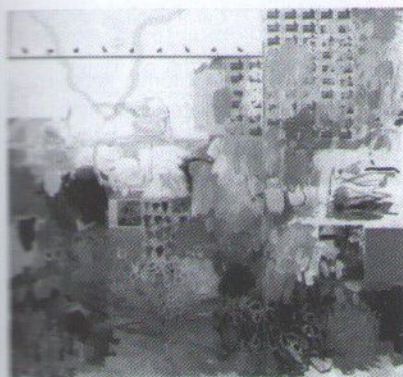


Imagem da obra "Duas paisagens" de Marlene Angeja

empresárias californianas tiveram de enfrentar e ultrapassar muitos obstáculos e desafios. Numa óptica negativa, a descriminação de género teima em persistir e são muitas as dificuldades da integração numa outra cultura. Do lado positivo, verifica-se uma relação de grande proximidade e envolvimento com a comunidade, fazendo com que estas mulheres destaquem o desejo e o prazer que sentem ao contribuírem para o bem-estar da mesma. Segundo o autor: "As empresárias luso-americanas gozam de outra característica que não vem na literatura. Quase todas sublinham a importância que tem nas suas vidas o contributo que podem prestar à comunidade luso-americana" (1439).

#### A Indústria de Lacticínios da Califórnia

Em termos económicos, ao longo de décadas, o grande trunfo da presença açoriana na Califórnia tem estado na indústria de lacticínios, hoje um negócio de milhões que está predominantemente nas mãos deste grupo da diáspora. À primeira vista, estas mãos parecem ser só masculinas. Contudo, um olhar mais cuidado revela outra realidade, como demonstra Alvin Graves em "Empresárias invisíveis: a mulher açor-americana nos lacticínios da Califórnia" (VI: 1487-1510). Este estudioso da presença açor-americana nos lacticínios californianos aponta para duas épocas:

...o período pré-2ª guerra mundial, quando dominava a cultura tradicional e a produção leiteira era um modo de vida, e o período pós-guerra, quando as normas culturais foram-se alterando e a produção leiteira do estado se transformou no que se chama agrobusiness. A mulher está bem presente em ambos os períodos, mas de uma forma invisível. (1488)

Embora tenham sempre contribuído para os trabalhos da lavoura, as mulheres, actualmente com níveis mais elevados de escolarização, estão mais bem preparadas para lidar com o novo mundo do agrobusiness, em particular com a gestão financeira e a criação de bezerros. Alvin explica:

...são elas que fizeram cursos superiores; especializaram-se em gestão de empresas, finanças, contabilidade ou direito, tendo assim uma formação essencial que o marido raramente possui. Como a geração anterior, muitas continuam a gerir o negócio. Outras fazem marketing e formação do consumidor, e tomam parte nos lobbies do sector e na promoção de legislação favorável ao negócio leiteiro. (1495)

Formada em direito, Deanne Ferreira é uma açor-descendente que lida de perto com a legislação referente aos lacticínios, especialmente vista à luz das questões ambientais. No texto "Uma mulher e o ambiente: os desafios de sempre" (VI: 1643-1658), Deanne explica:

Sendo recente, a legislação ambiental é ainda considerada um nicho do mercado no mundo da advocacia. É uma área dominada por homens, porque é normalmente necessário ter formação científica, e são os homens, mais do que as mulheres, que fazem a sua formação nas ciências exactas. (1645)

Tendo referido a participação dos seus antepassados na indústria leiteira do estado, Deanne conjuga a sua profissão com as suas raízes açóricas quando, ao referir o seu futuro profissional, descreve as suas intenções e motivações da seguinte forma:

Estou a estudar os efeitos da emissão de gás metano pelas vacas leiteiras. Várias vacarias estão a utilizar equipamento próprio para captar o gás metano do esturme (biomassa) de vaca, para depois convertê-lo em energia renovável. Os benefícios são notáveis. É minha intenção auxiliar os produtores de lacticínios da Califórnia a lidar com o labirinto de regras e leis ambientais que existem actualmente. Quero contribuir para que a herança dos nossos antepassados na indústria leiteira deste estado permaneça nas comunidades de descendentes de imigrantes dos Açores, um povo cujo esforço e conhecimento ultrapassaram tudo e todos. (1648-9)

#### Redefinindo a Identidade Cultural

Demonstrando, assim, uma grande sensibilidade para com a sua herança cultural e o reconhecimento inequívoco das capacidades dos seus antepassados, Deanne Ferreira é uma jovem açor-descendente que, no contexto actual, está a redefinir a sua identidade cultural à luz dos novos paradigmas da contemporaneidade. Outro exemplo é Márcia Dinis, que se apresenta como "O ser jovem e luso-americana na era da globalização" (I: 181-190), descrevendo os afazeres do seu dia-a-dia e os parâmetros da sua identidade da seguinte forma:

Levanto-me e tento fazer um jogging matinal todas as manhãs. Vou às aulas, faço umas horas de trabalho part-time, e às vezes jogo futebol ao serão. Depois, vou para casa e falo ao telefone com a minha mãe. Estas conversas são a melhor parte do meu dia porque me acalmam e me dão a oportunidade de falar a minha língua materna, o português... Na faculdade, escolhi o curso de Estudos Globais. Se perceber melhor a nossa sociedade global, talvez possa ajudar a minimizar os malefícios da mesma, enquanto ajudo a promover os benefícios. Ao mesmo tempo, estou a especializar-me em Português. Estudo a língua, a literatura e a cultura. Sou luso-americana, sou mulher e tenho 21 anos. (181)

Mais à frente no seu artigo, a jovem Márcia faz o seguinte balanço do seu mundo e da sua identidade pessoal e cultural, afirmando:

Sou uma pessoa privilegiada. Acredito plenamente que esta era da globalização tem levado os jovens a sentir orgulho pela sua herança cultural... A bandeira portuguesa por cima da minha cama, a tatuagem do açor nas minhas costas, as peças de louça tradicional penduradas na parede do meu apartamento lembram-me que estou acima da média, que sou especial porque sou portuguesa. (182)

Carol Gregory é outra jovem de ascendência açoriana na Califórnia que está a desbravar o seu próprio caminho e a forjar o seu retrato individual, em relação estreita com o



Imagem da obra "Retrato da Minha Mãe" de artista Maxine Olson

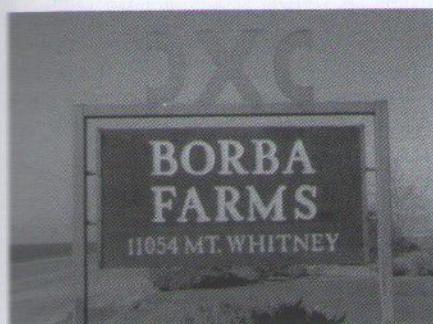


Imagem evocativa da presença açoriana na indústria leiteira californiana \*

\* Imagem tirada do livro *The Portuguese Californians: Immigrants in Agriculture* do autor Alvin Graves.

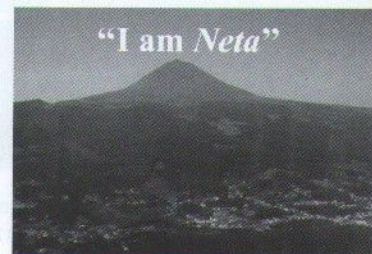
passado colectivo da comunidade californiana. No artigo "A geografia da minha identidade cultural" (I: 191-212), Carol traça as seguintes coordenadas identitárias:

Como geógrafa, estou a estudar a dimensão geográfica e a localização específica dos marcos da cultura lusa na Califórnia. Refiro-me a salões, igrejas e outros edifícios, e a nomes de ruas, zonas comerciais, bairros e parques. A riqueza deste património é o tema da minha tese de doutoramento, onde faço um inventário da quantidade e localização destes marcos histórico-geográficos, desta forma ilustrando e descrevendo o impacto da nossa presença na paisagem cultural deste estado. (195)

Tendo colaborado com a Portuguese Historical and Cultural Society (PHCS) de Sacramento, a autora afirma que o contributo de Portugal foi fundamental para a história e para "o conhecimento geográfico do Mundo" (191).

Para concluir, o exemplo de uma jovem que está a redefinir a sua identidade e herança cultural ao ritmo da contemporaneidade. Chama-se Felícia Viator e é autora do artigo "A Neta do hip-hop: uma luso-americana no mundo da música contemporânea" (II: 381-392). Esta jovem, que vive na cidade de San Francisco, é DJ e é conhecida pelo apelido Neta. Como mulher, Felícia considera-se "quase um oxímoro na cena hip-hop" e explica que, desde o seu início, nos anos 70, a cultura hip-hop tem seguido o modelo masculino. Eis a surpresa e a satisfação do público que assiste às suas actuações. Descendente, pelo lado materno, de emigrantes do Pico, esta jovem explica que escolheu o nome Neta em memória da avó. De visita à ilha ancestral, Felícia descreve os seus sentimentos e as recordações da avó, redefinindo-se como pessoa à luz desta herança vital e marcante, quando escreve:

De visita ao Pico, deixei-me levar pelo mundo da minha Vó e comecei a perceber a dor que sentia. Procurava compreender como ela e este mundo tinham sido, sempre, uma parte vital de quem eu sou. Logo de seguida, a alcunha de DJ que tinha escolhido, o nome pelo qual sou conhecida no mundo do hip-hop de toda a área de San Francisco, cristalizou-se. Subitamente, o meu espírito elevou-se e senti simultaneamente humildade e ousadia. Parti do Pico e dos Açores sabendo: "I am Neta." (385)



*A imagem da ilha do Pico, no arquipélago dos Açores*

#### Bibliografia

- GOULART, T., coordenação (2003). *The Holy Ghost Festas: A Historical Perspective of the Portuguese in California*. San Jose, CA: Portuguese Heritage Publications of California.
- GRAVES, A., (2004). *The Portuguese Californians: Immigrants in Agriculture*. San Jose, CA: Portuguese Heritage Publications of California.
- SIMAS, R., coordenação e tradução (2003). *A Mulher nos Açores e nas Comunidades / Women in the Azores and the Immigrant Communities*, Volumes I, II, III e IV. Ponta Delgada: Empresa Gráfica Açoriana.
- SIMAS, R., coordenação e tradução (2008). *A Mulher e o Trabalho nos Açores e nas Comunidades / Women and Work in the Azores and the Immigrant Communities*, Volumes V e VI. Ponta Delgada: UMAR Açores.



## Comunicação

Paulo Pisco (Deputado à Assembleia da República)

Quero agradecer à Dr.ª Manuela Aguiar, à Dr.ª Rita Gomes e à Associação Mulher Migrante o amável convite que me foi dirigido para participar nos trabalhos deste encontro com um tema tão aliciante... mas também tão difícil. Quero também pedir a vossa compreensão para o facto de ter de me ausentar logo após a intervenção, mas tenho um avião para apanhar para o Luxemburgo, onde vou participar no encontro que assinala o 20º Aniversário da Confederação das Comunidades Portuguesas no Luxemburgo.

Esta intervenção é também para mim uma oportunidade para reflectir sobre um assunto que me parece muito relevante para se conhecer melhor o perfil das nossas comunidades através da situação e do papel que nelas desempenham as mulheres.

Utilizarei sobretudo a informação que decorre das minhas observações e da experiência que ao longo do tempo fui adquirindo, mas que nunca sistematizei nem aprofundi. Trata-se, portanto, de uma intervenção que não tem qualquer pretensão a não ser partilhar a minha percepção sobre este tema e assim dar o meu modesto contributo para este debate tão necessário.

Num dos recentes congressos organizados pela Associação Mulher Migrante, uma das principais conclusões foi a falta de estudos e de dados estatísticos nestes domínios, o que é revelador das dificuldades em fazer uma abordagem mais profunda das múltiplas dimensões do universo das mulheres nas comunidades. É verdade que já existem muitos estudos sobre estes temas, mas não me parece que existam assim tantos trabalhos sobre a mulher migrante portuguesa. Julgo que tal se fica a dever a alguma invisibilidade na sua condição, como de resto acontece com a generalidade das mulheres migrantes independentemente da sua origem, como vários estudiosos destes temas notam. É uma questão de grau. As comunidades portuguesas são discretas, de uma maneira geral.

E as mulheres são ainda mais discretas neste contexto.

Procurarei então lançar algumas pistas sobre temas que me parecem interessantes e que poderão contribuir para que se façam outras abordagens sobre a forma como as mulheres podem determinar o perfil e identidade das nossas comunidades.

Desde logo devemos reconhecer que da nova emigração, ou seja, da emigração dos anos mais recentes, faz parte uma geração de mulheres com mais formação académica, com mais informação e com uma atitude diferente perante a vida. Portanto, com um perfil que se afasta claramente das mulheres que saíram do país há duas ou três gerações por razões essencialmente económicas ou para acompanharem ou se juntarem aos maridos, que deram o primeiro passo da emigração.

Nos meus contactos com as Comunidades, e por uma questão de atitude pessoal, não tenho o hábito de distinguir entre os homens e as



PRESENTINHO



Organização:  
Maria Manuela Aguiar  
Maria da Graça Sousa Guedes